

Um papa que olha para nós com desdém, uma baiana sensual a explodir de cor, um Nelson Mandela desenhado a carvão. Podiam ser obras em exposição numa qualquer galeria, mas para chegarmos até elas, tivemos de passar pelos homens trajados de azul, pelos gradões altos e antigos, identificados por letras curvilíneas como as ensinadas nas escolas de outros tempos. E por detectores de metais.

Estamos prestes a entrar na primeira ala, onde só se consegue aceder, como a todas as outras seis pontas da estrela, depois de passarmos pelo panóptico, com escada em caracol a dar acesso à caixa metálica a toda a volta, como um elevador antigo. Observar sem ser observado, eis a grande premissa desta peça arquitectónica securitária do século XIX, já considerada património histórico. Bela ao ponto de quase nos fazer esquecer para que foi concebida: fechar, vigiar — e punir. É a partir daqui que se alcança a profundidade daqueles corredores de destino finito, construídos por mão-de-obra reclusa em 1873.

Se toda esta carga visual não fosse ainda suficiente para percebermos onde estamos, o som a ecoar pelo edifício não deixa margem para alibis:

— “Pode chamar o 954?”

Aí está ela, a verdade última das instituições totais: o indivíduo substituído pela sua circunstância penal. Um número. Um dígito. Uma não-coisa.

— “Alfa 6 à escuta” — responde o guarda prisional ao colega que explica a história do panóptico, aqui mais conhecido como “redondo”. “É o cérebro, e os guardas os neurónios. Este é o EP [Estabelecimento Prisional] mais seguro do país”, garante-nos o guarda Calejo, com a autoridade de quem escreveu uma tese sobre o tema.

Antes das palavras que viemos escutar e da arte que viemos sentir, há os olhares.

Dos varandins dos três andares da ala por onde se espalham as 70 celas que albergam 140 homens, observam-nos. Como o predador à presa.

Nas paredes, liberdades que se ajustam: “Ler é ser livre”. Nos corpos, liberdades que se podem. “*Veni, Vidi, Vici*”. Não sabemos quando viu nem quando venceu; agora está aqui. “*Vida louca*”, grita um braço. Talvez antes. Talvez por causa dela. “*Haha! Haha! Haha!*”, gargalha uma mão peluda, tornada página de impressão. De palavras.

Voltemos a elas, então. Afinal, a razão para estarmos atrás das grades.

O gang das artes

Entre tabuleiros de xadrez e prateleiras de livros, temos à espera um verdadeiro *gang*. Não o das burlas que engendraram, da droga que traficaram, ou da violência que impuseram, mas o *gang* das artes.

As portas acabrunhadas, como num castelo antigo, obrigam-nos a baixar a cabeça para entrar, guiados por Tranquilo, 50 anos, responsável por uma das oito bibliotecas que existem no Estabelecimento Prisional de Lisboa (EPL), uma por cada ala. O olhar fixa-se nas paredes forradas a desenhos, numa orgia de cor que espanta tanto como equivoca,

Reportagem Todos os anos, dezenas de prisioneiros tiram tempo à clausura para se dedicarem à escrita. E ganham prémios literários. Vários estudos já demonstram que a cultura atrás das grades reduz agressividades e impulsividades, mas pouco se conhece desta faceta inesperada dos reclusos. Fomos às cadeias descobrir de onde vêm as palavras livres dos que já não têm liberdade

Por Isabel Nery texto, e Marcos Borga fotografia

A poesia está nas grades

Visita marcante

Sara Formigo, reclusa do Estabelecimento Prisional de Tires, ficou em 2.º lugar no Prémio Literário Interprisações 2025, com o texto *Visita Marcante*, que tem os 500 anos de Camões como pano de fundo



mas logo se interroga na cadeira calçada. Duas botas castanhas em cada perna. “Prende-a ao chão. Não saem daqui e nós também não!”.

Na parede deste espaço, para “exteriorizar demónios”, diários gráficos da realidade prisional até não haver mais cimento. “Esta” é sobre “a paciência para dominar a raiva”. A paisagem ao lado, “é o nosso mundo, que pode estar assim, com adrenalina, ou assim, como este peixe sem ar para respirar”.

Preso por ter ajudado quem não devia, a fazer o que não devia, o bibliotecário contraria o destino selado pela justiça com canetas e pincéis. “Lemos e pintamos para sermos livres”, anima-se, enquanto procura os óculos e ler um dos poemas pendurados na parede.

Não sabe deles porque não são dele. Pertencem a todos quantos frequentam a biblioteca – e aos 80% de reclusos que se queixam de falta de visão dentro de muros, agravada pela ausência de luz natural. Sem dinheiro para lentes, improvisa-se. Um *clip* a segurar o eixo, fita-cola a aguentar as hastes. Colados, partidos e recolados. Metáfora destas vidas, tantas vezes presas por um fio – às vezes, mesmo já sem fio.

César, 48 anos, “primário”, que é como quem diz estreante na experiência de cativo, rastas entrelaçadas como uma medusa, vinga em ironias literárias os anos que ainda lhe falta cumprir: “Hoje vou matar-me, amanhã logo se vê”.

No antes – a reclusão, como o tempo de Cristo, tem sempre um antes e um depois –, serviu celebridades e presidentes da República. Couberam gatos, peixes e bonsais. No depois, só sabe que “aqui, nesta espécie de submundo que engrandece os pequenos, o amanhecer, anoitece, diminui-me”. Para não cair na diminuição, concorre a prémios.

Nos últimos anos nasceram vários projectos que põem os reclusos em contacto com a cultura, mas poucos mantêm a estabilidade do concurso Escrita Criativa Interprisões, lançado pela Direção-geral do Livro, dos Arquivos e das Bibliotecas (DGLAB), fruto de um protocolo de 2011 com o Ministério da Justiça. Objectivo: promover actividades de escrita em meio prisional e centros educativos. Desde o nascimento, já levou mais de mil presos a meterem mãos à obra. Uma média de 100 candidatos por ano, em cerca de 12 mil reclusos de todo o país. Rui Zink, António Lobo Antunes, Eugénio de Andrade, Miguel Torga ou Camões foram alguns dos autores escolhidos para inspirar os detidos.

Em troca, um certificado e, por vezes, alguns livros. Não é a recompensa material que os move, mas o processo terapêutico da escrita, garantem as responsáveis da Direção-geral de Reinserção e Serviços Prisionais (DGRSP), Sónia Rosendo e Manuela Raimundo, que integram também o júri, composto ainda por representantes das bibliotecas municipais, dos centros educativos, da DGLAB, além de um escritor. Depois desta competição, o Talentos Fnac e o Concurso Sardinhas - EGEAC são outros dos prémios mais apelativos. “Os reclusos sempre gostaram de escrever. É um desabafo, uma forma de se libertarem. Ao trabalharem competências para saírem pessoas diferentes estão a facilitar a reinserção social”, diz Sónia Rosendo. →

Isso mesmo tem constatado a bailarina Catarina Câmara, através do projecto PARTIS (Práticas Artísticas para a Inclusão Social), que já pôs mais de uma centena de homens a dançar atrás das grades desde 2019, com o apoio da Fundação Calouste Gulbenkian e da DGLAB. Bailarina da Companhia Olga Roriz e psicóloga, encontra na masculinidade, violência e criminalidade o mesmo circuito. Com o projecto Corpo em Cadeia, desafia os reclusos: “Como posso ser homem sem ter de estar sempre a fazer processos de afirmação de violência?”

Ou seja: mais perto da integração social. Aquilo que Catarina Câmara sabe de experiência, o projecto RadioAtividade, que envolveu cerca de 70 reclusos da Guarda em peças de teatro radiofónico, verificou pela ciência. Durante três anos, as actividades culturais atrás das grades foram avaliadas por uma equipa de investigadores, coordenada pela psicóloga Isabel Silva, que registou benefícios. “Melhoraram os índices de autocontrolo e auto-regulação. Em ambiente de stress e conflito, as intervenções artísticas diminuem riscos psicossociais, ajudam a promover a auto-regulação e diminuem a reincidência”.

Partir da arte para a transformação social tem sido o lema da Gulbenkian desde 2013, com a iniciativa PARTIS, que apoiou espectáculos como o Ópera nas Prisões, no EP de Leiria, envolvendo 60 reclusos. “Usamos a arte como ferramenta. Para obter outros resultados precisamos de outro ângulo, outras oportunidades”, defende a gestora do projeto, Narcisa Costa.

Ver para ler

A presença dos repórteres atrai os “clientes” habituais, os que se juntam nesta cela-biblioteca para desenhar e escrever, mas também Júnior, pintor de rua, vencedor do único concurso de Escrita Criativa Interprisões que pedia textos ilustrados, o de 2024, dedicado aos 50 anos do 25 de Abril – e à liberdade.

Olhos esguios numa testa rasa, barba curta e dedos encardidos pela tinta preta, explica que desenhou uma grade a abrir para que o companheiro da escrita pudesse colocar o seu texto no meio. “Tenho de lutar através da minha criatividade, encontrar o sentimento certo. O 25 de Abril é sinónimo de resistência. Diz muito a quem está preso. A reclusão inspirou-me a pensar na liberdade”.

Uma liberdade assim:

*(...) Num verso de Poesia que dizia
“Liberdade”/Vivo ciente de que a mente
nunca será refém de correntes/Já se passaram
cinquenta. Podem até passar mil/Pois se a
liberdade semeou sementes/Foi para que
nunca murchem os cravos d’ Abril*

Pelo menos esta liberdade, a dos poemas. Porque a outra ainda terá de esperar. Pai de três filhos, Júnior guardou com gratidão os livros de José Saramago que recebeu pelo 1.º lugar no concurso, e com orgulho o certificado, mas nada vale tanto como o pretexto de mostrar o lado bom de um pai que não foi tão bom assim ao cometer um crime.

– “Ó o pai, fazendo a diferença!” – envaideceu-se com o ouvido colado ao telefone disponível no corredor do EPL.

– “Pai, você é o meu herói” –

responderam os 9 anos de descendência deixados lá fora.

Na ala B também se escreve e concorre a prémios, mas sem tertúlias. Só solidão. De fora não vem ninguém. De dentro não tem com quem trocar nada por nada. E numa prisão nada é dado, nem mesmo o que não vale nada.

Valter, 46 anos de vida, dois e meio de clausura, conta os dias na sua cabeça. Todos os dias. Durante todo o dia. Quando não está a contar os dias, está a escrever em pedaços de papel. “Não tenho dinheiro para caderno nem caneta”.

Entre os cerca de mil detidos no EPL, pelo menos uma centena não tem família nem dinheiro. No dia em que entram, recebem um *kit* com pasta de dentes e creme de barbear.

Barba rala, olhos fundos, peito cavado, rastas a contrastar com a candura da camisa florida, Valter é daqueles homens tão alto que se curva para não ser notado. Escreve para passar o tempo “com algo que tenha valor”. Depois de ver na biblioteca o anúncio do concurso Talentos Fnac, uma das competições de escrita a admitir participação de reclusos, decidiu voltar à escrita que tinha ficado lá atrás, na escola, quando o tempo ainda era dele e não sabia que o ia doar todo ao sistema de justiça. “Pensar na escrita é pensar em liberdade. Inspira-me a solidão”, diz num lamento, enquanto se afasta, a caminho da cela que o vai fechar pelas próximas 12 horas.

Um vício chamado leitura

Se uns se descobrem escritores na prisão, outros descobrem-se leitores.

Na ala G, cumprem pena os 19 homens da única comunidade terapêutica de toxicodependência dentro de muros, com uma taxa de sucesso, garante a psicóloga responsável pelo programa, Sandra Lemos, de mais de 90%.

Depois de passarmos o ginásio, à esquerda, e a biblioteca, à direita, damos de caras com um sorriso tão parco em detenção quanto caloroso. Rui, 33 anos, a entrar e sair desde os 22, filho de pais que não tinham nada para dar, muito menos livros, é o responsável pela maior biblioteca da cadeia. Com mais de mil volumes, é também a mais elegante do EPL.

– “Sejam bem-vindos”, diz-nos, orgulhoso por mostrar os livros a seu cargo.

Além de aficionado das letras, Rui tornou-se conselheiro de leituras: “Escolhem Kenn Follet, José Rodrigues dos Santos, Josh Girsham. Mais os estrangeiros do que os portugueses. Mais romance e ficção.”

A devorar uma obra por dia, sabe do que fala. Mas nem sempre foi assim. “Na rua, nunca tinha lido um livro, ganhei o gosto aqui”. Rui não é caso único. De acordo com a DGRSP, em 2024, mais de 13 mil detidos requisitaram pelo menos um livro nas bibliotecas prisionais.

As histórias impressas trouxeram-lhe “tranquilidade”, a primeira palavra que vem à cabeça de Rui quando pensa nas páginas lidas. “Acalma-me. Resolve coisas dentro de mim. Esqueço os problemas todos. Quando não tinha luz, depois de nos fecharem, punha-me debaixo da janela para apanhar os holofotes lá de fora e poder continuar a ler.”

São 17h10, “hora do conto”, tempo para os guardas contarem cada recluso antes do



Ler e pintar para ser livre

No topo, desenhos e aguarelas e pinturas numa parede do Estabelecimento Prisional de Lisboa: “Lemos e pintamos para sermos livres”, diz um recluso-bibliotecário. Nos últimos anos nasceram vários projectos que põem os presos em contacto com a cultura, mas poucos mantêm a estabilidade do concurso Escrita Criativa Interprisões, lançado em 2011

regresso às celas, o que neste dia equivaile também a expulsar repórteres.

Ao deixarmos a prisão que parece um castelo, frente ao Parque Eduardo VII, somos acompanhados pelos pavões do EP. Gostam de galgar os muros, mas regressam sempre. Trazidos pela polícia, como qualquer outro recluso.

A escola, a escrita e o filho de um sobreiro

– “Vamos lá começar, rapazes. De que forma é que a leitura e a escrita influenciaram a vossa vida aqui dentro?”



Os “rapazes” são cerca de uma dezena de homens condenados por vários crimes. “Aqui dentro” é o Estabelecimento Prisional do Montijo. Quem pergunta é a professora de Português, que há mais de 20 anos decidiu trocar a escola comum pelo ensino dentro de muros. A “leitura” vai de Eça de Queirós, a Virgílio Ferreira, Florbela Espanca ou Maria Saraiva de Menezes. A “escrita” são textos como este, *A vida marcada em mim*, escrito para o Congresso Internacional de Educação nas Prisões:

“Sinto-me enganado pelo destino/ Desiludido, traído e solitário/Estou marcado para a vida/A vida está marcada em mim/ Não desistirei de lutar/Mereço tudo menos sentir-me assim”. (...)

A vida que marcou João, pai de dois gémeos, começou como todas as outras, mas continuou como nenhuma devia: violência, alcoolismo e desamparo. Suportados até ao trauma que ninguém – excepto a escrita e uma psicóloga que chegou tarde – lhe conseguia tirar. “Só voltei a escrever na cadeia. Foi com a escrita que consegui perdoar o assassinato do meu irmão e libertar os meus sentimentos. No papel, saem coisas bonitas. Sinto-me livre.”

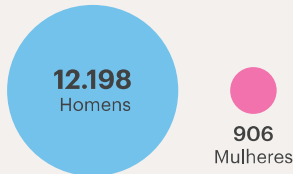
Podíamos dizer dele que é filho da dor, do abandono, do crime. Mas João, 57 anos de vida, três de reclusão, cresceu a trabalhar “na arte bonita da cortiça”, e ainda tem poesia para o destino que lhe calhou: “Sou filho de um sobreiro”.

Leitura e escrita na prisões

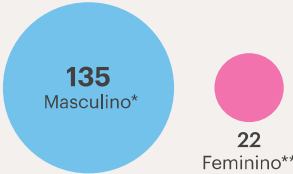
Embora cerca de 70% dos que vivem atrás das grades tenham apenas o Ensino Básico, os livros e as actividades artísticas parecem ser vitais para muitos detidos. Em 2023, 14.800 reclusos requisitaram pelo menos um livro nas bibliotecas prisionais, sendo as mulheres as mais adeptas: cada uma lê quase dois volumes por ano, enquanto os homens se ficam pela leitura de pouco mais de um. Já as actividades de escrita, atraem centenas de condenados.

População de reclusos

Adultos, a 31 de Dezembro de 2023



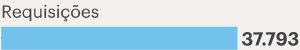
Jovens detidos em centros educativos



*Santa Clara, Santo António, Olivais, Bela Vista, Navarro de Paiva e Padre António Oliveira
** Navarro de Paiva e Santa Clara

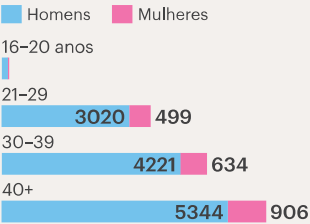
Livros lidos nos estabelecimentos prisionais portugueses

Em 2023



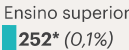
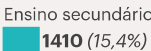
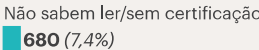
*13.084 homens; 1716 mulheres

Leitores por faixa etária e sexo



Nível de escolaridade da população reclusa condenada

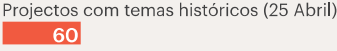
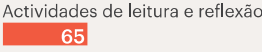
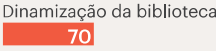
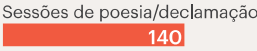
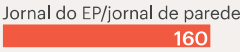
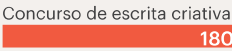
N.º de reclusos (percentagem). Em 2021



*Licenciatura (221); Mestrado (26); Doutoramento (5)

Actividades socioculturais em bibliotecas prisionais

N.º de reclusos envolvidos, em 2024



Ao princípio, a palavra poesia tinha o efeito do binómio legumes-criança: “Blhaaa!” Mas depois, é vê-los nas aulas a interpretar grandes autores da língua portuguesa. E a identificarem-se com a moral das histórias. “A rapariga louca do texto de Eça roubou e perdeu a confiança do namorado”, conclui um. A *Galinha de Virgílio Ferreira* “acontece em todas as famílias: a cobiça, a ganância e ignorar os problemas”, analisa, assertivo, o detido com sotaque de Leste.

A lição bem aprendida é o resultado de um ano de trabalho da professora da Associação Portuguesa de Educação nas Prisões, que começa pelo combate aos estereótipos. “Entram a dizer que a poesia é para maricas. Mas depois gostam. Ficam conquistados quando percebem que Fernando Pessoa tinha vícios. E rendem-se a José Régio.”

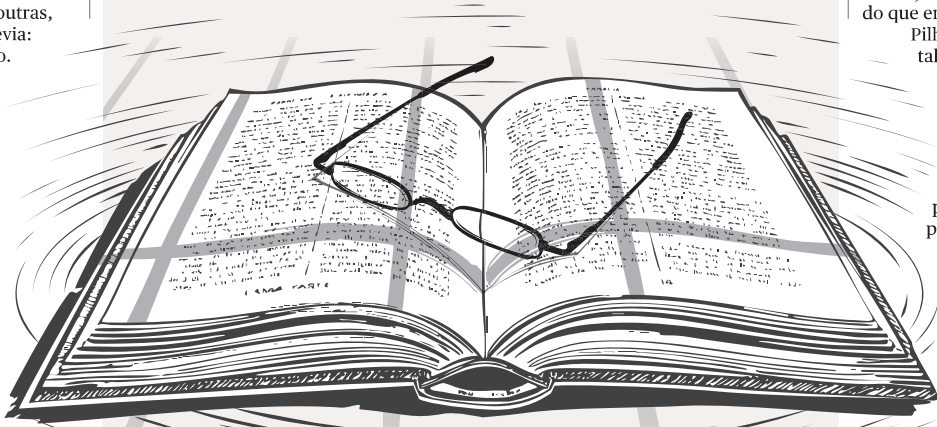
De facto, na escuta do *Cântico Negro* faz-se silêncio absoluto: “Eu tenho a minha loucura. Deus e o Diabo é quem me guia. Mais ninguém! (...) Não sei para onde vou. Sei que não vou por aí!” Depois das palavras ditas como só João Villaret, a sala suspende-se. Talvez porque todos saibam que em algum momento das vidas que os trouxeram para cá dos muros lhes faltou dizer: “Não vou por aí”.

Até chegarem à cadeia, diz Cristina Guerreiro, a escola era para a maioria um lugar estranho, fazendo deles “os excluídos dos excluídos”. Prevista no sistema prisional português, que, na letra da lei, não visa apenas castigar, mas reabilitar, a educação, peça chave do regresso ao mundo livre, está cada vez mais comprometida. No ano lectivo 2024-2025, o maior presídio português, o EPL, que conta com 153 guardas quando devia ter 200, deixou de oferecer ensino aos reclusos, por falta de vigilância. “Abrimos concurso, mas nem metade das vagas foram preenchidas”, explica Dília Bom, directora-adjunta para a área do tratamento prisional. Só em Outubro do ano passado, 71 presos puderam voltar à escola no EPL.

Preocupada com o desinvestimento na educação da população reclusa, a professora vislumbra o escalar dos danos: “A sociedade ainda não percebeu que a escola pode ser importante na reinserção destes homens. Dá-lhes ferramentas para fazerem outras escolhas. Não vou reabilitar 50 alunos, mas se tocar um já valeu a pena. Não tenho a menor dúvida de que a educação e a poesia reabilitam. Mas mais do que ensiná-los, estou a transformá-los.”

Pilharam, magoaram – mataram, talvez. Mas choram. Com a poesia que lhes é dita nas aulas de Português ou nas sessões organizadas por Filipe Lopes, mediador de leitura em prisões há mais de 20 anos. “Sem as regras da prosa, a poesia permite ser disruptivo através das palavras”. Porque o objectivo, lembra, é o processo, não o produto final.

Nesse processo, aprendeu Cristina Guerreiro, falta reforço positivo. “Ganhamos o concurso de teatro inter-prisões com a peça *Aldrabões, burlões e outros figurões*, e fui com seis reclusos recebê-lo ao São Carlos. No fim, as lágrimas



Fonte: DGRSP

PÚBLICO | José Alves



escorriam-lhes pela cara abaixo. Nunca tinham recebido um aplauso”.

Embora os reclusos anseiem por mostrar conquistas às famílias, a lógica do sistema leva a melhor: o EP não autorizou fotografias nem nomes, mesmo aos que os queriam dar. “O estabelecimento protege-vos”, argumenta a técnica de reeducação do Montijo, Dulce Alves.

Alguns dir-me-ão que não são crianças e, mesmo presos, deviam poder escolher quando é hora de ter vergonha ou orgulho. Deixar os filhos saber que andam na escola e aprendem poesia. Mas atrás das grades infantiliza-se, diminui-se, impõe-se o medo — até das palavras.

A arte de ser mulher na cadeia

De um lado, casinhas de bonecas. De outro, uma colónia de gatos, com vista para campos de vinhas e batatas. Perante a enorme quinta de 34 hectares, a primeira impressão do Estabelecimento Prisional feminino de Tires, no concelho de Cascais, é de liberdade. Mal se percebe a fronteira entre o cárcere e o resto do mundo. Até à aproximação das fardas azuis e da fachada dos três edifícios, onde os panos de limpeza secam pendurados em grades, em vez de cordas de roupa.

Está um dia de Outono fingido de Verão, tal como há 14 anos, quando concluí a reportagem sobre as habitantes deste espaço, *As Prisioneiras - Mães Atrás das Grades*, publicada em livro e em reportagem na revista *Visão*, onde era então jornalista.

Sara Formigo, 38 anos, única reclusa que não oculta a identidade, podia ter sido

uma das minhas entrevistadas naquele outro tempo. Cabelo comprido até se perder nas costas, pele clara e pontuada por sinais, é mãe de três, um deles começado a criar ali mesmo ao lado, na Casa das Mães, onde cumprem pena as mulheres que podem ter os bebês na cadeia, até aos três anos.

Desta vez, não venho à procura de histórias de mães, mas de mulheres que tentam aliviar o peso da pena criminal com a leveza da escrita. E ganham prémios por isso.

As duas distinguidas têm uma história diferente da maioria das habitantes deste espaço de clausura. Nem foram condenadas por tráfico de droga, como acontece em mais de metade dos casos, nem têm níveis de escolaridade ainda mais baixos do que a média dos portugueses. Sara concluiu o 12.º ano e está a diplomar-se em Ciências Sociais. Florbela, além de advogada, ocupa a sua longa pena de sete anos com uma segunda licenciatura, em Estudos Europeus. Estão entre as dez mulheres que frequentam a Universidade Aberta dentro de muros.

Foram uma exceção lá fora, porque elas cometem muito menos crimes — em 2024, havia cerca de 900 mulheres presas para 12 mil homens —, e continuam a ser exceção cá dentro. Porque se ocupam de livros.

Mas, presas ou em liberdade, há algo que não muda: ser mulher. E apenas por isso, só por isso, sofrer mais. Mais discriminação, julgamento social, e até castigos. “A mulher reclusa perde tudo. O homem que rouba está a prover para a casa, a mulher não é boa mãe. O homem

Bibliotecas

Em cima, momento de leitura numa das salas do Estabelecimento Prisional de Lisboa; à direita, grupo de reclusos numa das oito bibliotecas do EPL, uma por cada ala da cadeia. Em baixo, Matilde, de 15 anos, condenada a um de clausura aos 14, no Centro Educativo Padre António Oliveira, em Caxias: venceu o Concurso de Escrita Interprisoções 2025, dedicado às comemorações dos 500 anos de Camões



é violento porque precisa, a mulher é porque não presta. Eu estava a enganar, se fosse um homem estava a arranjar sustento. Um homem que burla é esperto, uma mulher aproveita-se das vítimas.”

Florbela, distinguida com uma menção honrosa no concurso dedicado ao 25 de Abril, em 2024, quando também ela fazia 50 anos, secunda o sentir da colega de reclusão: “Serem bruxas e prostitutas era o que levava as mulheres à prisão antes. Hoje pensa-se o mesmo”.

Assim se resumem os estigmas que Sara decidiu verter em páginas de papel. Num desabafo — com o poeta nacional. Porque não? Se o próprio Camões foi prisioneiro, injustiçado e pobre. Haveria de compreendê-la. “Imaginei que me vinha visitar e tínhamos uma conversa. Ele como alma torturada, eu como mulher, explicando-lhe o estigma que sinto”.

Pela calada da noite, na cela, já a esgaçar o prazo do concurso, as palavras saíram-lhe “mesmo de dentro”. Afinal, na cadeia todos “têm uma tormentasinha, como Camões”. Para o fim, a maior de todas as demandas nestas vidas — a espera pelas visitas e o que elas trazem do mundo exterior. “Fiquei a chorar depois de ver os meus filhos e percebi que tinha de escrever sobre isso. A última frase do meu texto dizia: ‘Trouxeste o saco?’ A pergunta de todos quando recebem visitas.”

Se é verdade que tanto homens como mulheres anseiam pelo momento da visita, no caso delas soma-se a culpa — pelos filhos deixados na outra vida. Na cela, Sara armazena recordações numa grande caixa de plástico. É nela que mata as distâncias: “Quando tenho saudades,



beijo as cartas e as fotografias dos meus filhos”, conta, com os olhos postos no chão do arrependimento. “Todos os dias telefono e parece que estou a interromper a vida deles. A minha vida parou e a deles anda para a frente”. Mas os filhos de 17, 12 e 4 anos estão à espera. Dela e do sabor do reencontro. “Quando o castigo acabar nesta casa das portas fechadas – decidi-o mais novo – “a minha mãe vai para casa comer morangos”.

Podemos dizer que Florbela, alentejana de sotaque disfarçado, mas indisfarçável, condenada por abuso de confiança e prevaricação, vive há cinco anos no pavilhão I do EP de Tires. Mas ela prefere dizer que vive na biblioteca. É lá que trabalha, estuda – e aprendeu a ser livre. “Esta caixinha tem sido a minha salvação. Os livros são tudo para mim: consolo, alegria, viagem. Transportam-me para fora daqui.”

Medalhinha de Nossa Senhora ao peito, cabelo negro colado à longa testa, trata dos livros da biblioteca de *pullover* aos ombros, como se estivesse para sair de casa. Quando uma outra reclusa entra para levantar um livro, mostra a intimidade com as estantes e os seus sete mil volumes: “Está aqui?”, *Morri para viver*, de Andressa Urach, indica num piscar de olhos. “Muitas vêm à biblioteca pela primeira vez na vida. Pedem livros de espiritismo, romances, auto-ajuda. E poesia para mandarem nas cartas”.

Os volumes encadernados de que cuida atrás das grades têm sido tudo isso – e muito mais. “Para mim, a escrita é um desabafo e o livro uma salvação.”

Como talvez ainda possa vir a ser para

“
Em ambiente de stress e conflito, as intervenções artísticas diminuem riscos psicossociais, ajudam a promover a auto-regulação e diminuem a reincidência
Isabel Silva, psicóloga

Matilde, de 15 anos, condenada a um de clausura aos 14.

A dor do trauma

Se a raiva vem do sofrimento, de onde vem o sofrimento de Matilde?

Tinha posto este lembrete no meu caderno de reportagem. Mas pareceu-me inútil assim que pus os olhos naquela menina doce, de grandes olhos negros e face redonda, apenas interrompida por um par de puxinhos pueris.

Como era possível tal candura esconder uma agressora. Um chorriho de malvadezas que lhe valeram medicação para hiperactividade logo aos quatro anos, o internamento em várias instituições inúteis para os seus problemas desde os seis, a separação dos irmãos, afastados da mãe por Matilde ter falsamente acusado um familiar de agressões. E à medida máxima: punida com um ano de privação de liberdade, por injúrias e agressões físicas.

Ao contrário do que muitas vezes acontece aos que cometem crimes mesmo antes de saberem quem são, Matilde não cresceu ao abandono nem obrigada a traficar droga, não era vítima de pobreza extrema ou abandono escolar. Pelo contrário, tinha chegado a ser boa aluna.

Era tudo tão desconcertante que decidi socorrer-me do que me tinha levado até àquela casa no cimo de uma colina: a palavra. Sentada no sofá da sala, de frente para Matilde, nome que me pediu para lhe chamar, sugeri-lhe que me lesse o texto vencedor do Concurso de Escrita Interprisoões 2025, dedicado às comemorações dos 500 anos de Camões.

Antes da leitura, que se revelaria tão doce, delicada e ponderada como ela parecia naquele momento, perguntei-lhe de que tratava o poema.

– “É sobre mim. Sobre a minha vida.”

(...) *Tenho muitas saudades/Da minha liberdade/Só não tenho novidades/Para voltar a ter vontade/Perdi-me na estrada/À procura de uma saída/Fiquei muito zangada* (...)

Das várias estrofes do texto, fixei-me nesta para lhe perguntar que estrada era aquela que a zangara tanto ao ponto de se ver perante um juiz.

Em mais de 30 anos de jornalismo, nunca me lembro de ter estado tanto tempo em silêncio à espera da resposta de um entrevistado. Os meus olhos fixos nos dela, as minhas mãos alapadas ao caderno, sem tocar na caneta.

Esperei. Continuei a esperar.

Normalmente, reformularia a pergunta. Insistiria. Mas aqui não se tratava de “sacar” uma revelação jornalística. Só queria ir à raiz do mal, compreender de onde tinha nascido aquela escritora de corpo miúdo, mas capaz de partir a cabeça a professores e funcionários da escola. Dar sentido a uma história que quanto mais me revelava da condenada, menos sentido fazia.

O que podia levar uma miúda inteligente, criativa, de olhar curioso e vivo a destruir à pancada tudo que a rodeava? E desde os quatro anos?

Na espera, e naquela antecipação que os humanos tendem a perseguir para minimizar o choque, imaginei. Violações, agressões, abusos.

Mas a vida não se imagina. Nem mesmo

quando já imaginamos muito.

Nunca me ocorreu, porque há coisas que até na adivinhação nos esmagam, que tanta dor viesse de uma banheira com crianças, visitadas por animais de estimação.

A ameaça tinha chegado bruta como só aos brutos compete:

– “Se cai uma gota cá para fora, mato os três gatinhos!”

Os irmãos, de 2, 4 e 6 anos, tão tenros como os gatinhos, não tinham ainda vida que chegasse para a crueldade. Só tinham vida para a brincadeira, como é o ofício dos ainda em formação. E a brincadeira pedia mesmo uns belos chapões na água da banheira; pôr todos à gargalhada antes de se secarem na toalha e trocarem risinhos matreiros, talvez até um ou outro passa-culpas como se usa nas fraternidades.

Só que aquele corpo de metro e oitenta, a que a biologia permitiu ser pai, entendeu que era seu direito cumprir a intimação. Frente a olhos de 2 a 6 anos. Por causa de uns salpicos.

Água fora, bota ao alto, corpanzil para a frente – esmaga com o pé os inocentes gatinhos. Três, como três eram os filhos.

Aterrada, mas protectora, a irmã mais velha tenta fazer de escudo, tapando os olhos de uns e de outros. Mas mãos pequenas em rostos pequenos resultam em demasiadas frinchas. E mesmo que os dedos pequenos fossem suficientes, não havia como esconder um pai a esmagar vidas. Como as três infâncias, que acabaram ali. E nunca mais conseguiram voltar.

Apesar da década que já leva de instituições e punições, ninguém tinha, até hoje, ouvido a verdadeira história do trauma de Matilde. Como tal, nunca foi tratada. Em troca, tem sido punida uma e outra vez. Até chegar ao centro educativo de onde não pode sair e onde, ironicamente, se sentiu segura pela primeira vez na vida. “Sei que aqui ninguém me pode fazer mal. Tem muros altos e há sempre seguranças.”

Da raiva que gera raiva às vítimas que geram agressores, Ricardo Loureiro, sociólogo que estuda há vários anos o ambiente prisional, e prepara um novo projecto em centros de detenção juvenil, não tem dúvidas de que “na maioria dos casos, a população prisional passou por situações de risco, maus-tratos e trauma na infância e juventude”. Sem se cruzarem com ninguém que interrompa o ciclo, repetem padrões.

Matilde arrisca-se a imitar a história já conhecida dos que trabalham a população prisional. A começar cedo e sair tarde. Ou nunca sair. Para já, encontrou na escrita uma alternativa à violência física. Um motivo de orgulho para a família. Uma nova versão de si mesma, longe da que o trauma lhe impôs.

Na instituição punitiva recebeu incentivo para o único refúgio onde se sente intocável: a escrita. O poema vencedor do concurso literário começou a ganhar forma na aula de Português do centro educativo, onde Matilde ia perguntando à professora:

– “Liberdade rima com quê?”

Reportagem premiada pelo Programa “Lisboa, Cultura e Media”, 1.ª edição

Os nomes de alguns reclusos foram alterados